

ARTEMIDORO

Maria Isabel Rocheta*

Abrindo o poema, a expressão “A tua múmia” leva a que o título funcione como vocativo e o texto como fala a Artemidoro dirigida. Múmia logo circunstancialmente apresentada: localização presente (Museu Britânico), local e época de origem (cemitério copta), estado de conservação (ressequida pele rasgada, sujas ligaduras), informações prestadas a Artemidoro e indirectamente fornecidas ao leitor. Artemidoro fica ciente e, com ele, o leitor, da paz em que por séculos perdurou a sua múmia em necrópole não profanada, em contraste implícito com o bulício da viagem até Londres, a qual testemunha de impérios ocidentais e do ávido interesse dos europeus pelo oriente, e em contraste explícito com a rapidez com que a lembrança da sua identidade se diluiu, pois não era rei, nem príncipe... Justamente o poema resgata Artemidoro do esquecimento, atribuindo-lhe biografia empática e hipotética, como tal formulada por indagativa modalização: “Talvez”, “é bem possível”, “possível é também”. O retrato na tampa do sarcófago, reproduzido em *Metamorfoses*, mais precisamente o “líquido olhar [que] ficou fitando” constitui o elo entre o poeta e esta múmia alinhada entre tantas outras; olhar atento e digno, que convoca o leitor a cooperar na restituição a Artemidoro da sua humanidade. O poema reconstitui a viagem milenar desse olhar, que, afinal, não esteve só nem esquecido: a arte copta, oriunda de espaço e época sincréticos, que valorizou os grandes e expressivos olhos que fitam o observador, é evocada na menção de ícones bizantinos – Cristo Pantocrator; na referência a Creta, espaço de encontro por excelência – a ilha onde, em Cândia, nasceu El Greco que aí conheceu a arte bizantina; na citação de Veneza, onde El Greco passou, e do possível convívio dele, aí, com Tintoretto; na alusão a Roma, ainda, e, finalmente, na referência ao Apostolado de El Greco e a Toledo. “O Salvador”, quadro que ilumina este

texto seniano, culminando uma travessia de oriente a ocidente ao longo de um milénio, sintetiza o que de sincrético e sagrado revela o rosto de Artemidoro, retratado por pintor anónimo. Ainda na primeira estrofe, de sessenta versos, o poeta interpela Artemidoro, dirigindo-lhe insistente interrogação: “Mas para ti e os teus” (vv. 43, 51 e 55), “– que seria esse olhar tão líquido e profundo que me fita / envidraçado pela morte e pelas crenças todas / e também pela vidraça que, interposta, / nos não separa menos do que os séculos?”. Ao encontro de Artemidoro, o poeta viaja agora em direcção aos primeiros séculos da era cristã, em que, num mundo rico e vário em crenças religiosas, tantos estudiosos procuravam fixar pela escrita, em línguas diversas, as palavras que Cristo proferiu, mas não ditou nem escreveu. Conhecer o outro implica viagem de duplo sentido: restaurar a humanidade de Artemidoro e trazê-lo até nós exige que vamos até ao espaço e ao tempo dele, com genuína vontade de estudar, conhecer e respeitar.

Nos dez versos da segunda estância, o poeta dirige a Artemidoro uma injunção: “escuta!”. E pergunta-lhe, interrogando-se: “Que mais escutarás com esses olhos que ouvem / atentamente os breves estalidos que o eterno, / [...] provoca em nós e em nossas coisas, fissurando / [...] tudo / o que de deuses palpita e ressuscita em nós / e em que talvez, sereno mercador, nem mesmo acreditasses?”. “Esses olhos que ouvem” – sinestesia que ressoa num passo outro de Sena (no “Prefácio da primeira edição” a *Poesia I*): “Quanto aos leitores de versos – [...] – esses lerão, estou certo, os poemas. E lê-los-ão como esperei sempre que eles fossem lidos: não com os olhos, mas com os ouvidos, para que os penetre a música que a esses versos foi negada, com a inteligência, para que os versos se iluminem da compreensão que aguardam, e com o coração, para que esses versos possam palpitar do amor e da devoção à vida que, postos neles por mim, só palpitarão livres e vivos na plenitude alheia. Porque alheios, sobretudo alheios, é que versos são”. A interrogação que encerra o poema, de algum modo o deixando em aberto, sublinha o que

de inacessível há no outro, irreduzível na sua identidade, “máscara” inevitavelmente alheia, ainda que dele nos façamos próximos.

Em longa fala ponderada, serena, cordial, Jorge de Sena (res)suscita Artemidoro e a cultura a que pertenceu, assim iluminando “a comovente historicidade da natureza humana” (segundo o “Post-fácio” de *Metamorfoses*) e celebrando a historicidade da arte – movente refração e travessia do tempo.

10 de Abril de 2019

* Professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Cofundadora em 1975 do CLEPUL, Centro de Investigação da mesma Faculdade, de que foi membro integrado até Março de 2019. Publica* estudos sobre a literatura portuguesa dos séculos XIX e XX e sobre o ensino da literatura.